

**USAID atribui poderes a grupos de cidadãos para trabalharem juntos com vista a pôr fim à fraude eleitoral**

## **Fortalecendo a Democracia em Moçambique**

As eleições têm sido manchadas por conflitos desde que os moçambicanos foram pela primeira vez às urnas há dez anos. Um partido político, a FRELIMO, está no poder há vinte e sete anos.

Os partidos da oposição boicotaram as primeiras eleições municipais do país em 1998. Um ano mais tarde, o principal partido da oposição, a RENAMO, acusou a FRELIMO de ter roubado a eleição presidencial depois de oficiais terem considerado nulos boletins de voto contendo cerca de 300.000 votos – mais do que a margem de vitória – e recusando-se a contá-los. Seguiram-se manifestações, que estiveram na origem da morte de mais de 100 manifestantes.



Foto: Secretariado Técnico da Administração Eleitoral de Moçambique

Eleitores depositam os seus votos no dia das segundas eleições municipais de Moçambique.

***“Ultrapassámos, de longe, as nossas expectativas. Agora queremos continuar com a mesma determinação e mostrar às pessoas o que é possível.”***

***-- Armando John,  
Oficial de Programas,  
Associação  
Moçambicana para a  
Promoção da  
Democracia***

Não constituiu surpresa que as tensões políticas estivessem ao rubro com a aproximação das segundas eleições municipais em 2003. As eleições de Novembro dos presidentes dos municípios e das assembleias municipais em trinta e três cidades e vilas representaram um teste crucial para a democracia em Moçambique. Receando que as tensões políticas e os resultados contestados pudessem levar à violência, grupos de cidadãos, incluindo os conselhos Cristão e Islâmico, formaram uma parceria chamada Observatório Eleitoral. Com financiamento da USAID, o Observatório formou e designou mais de 400 cidadãos como observadores das assembleias de voto. Ao contrário de muitos observadores eleitorais, o seu papel era o de efectuar uma contagem separada para comparar os resultados aos oficiais em dez municípios chave.

A USAID facultou assistência chave, formação e serviços de logística, incluindo equipamento e transporte, num esforço tendente a garantir uma eleição municipal pacífica e imparcial. Na vila de Marromeu, com uma população de 21.000 pessoas, o projecto revelou uma provável fraude eleitoral na corrida a presidente do município. Os resultados oficiais preliminares deram à FRELIMO uma vitória por dois votos, mas a contagem paralela revelou o contrário. Por fim, a Comissão Nacional de Eleições aceitou os números do Observatório e declarou vencedor o candidato da oposição.

O Observatório também desempenhou um papel vital na Beira, segunda maior cidade de Moçambique, onde surgiu uma crise quando um agente eleitoral foi apanhado a alterar os boletins de voto. Outros boletins de voto foram dados como desaparecidos. Durante três dias, os agentes ficaram em silêncio. Entretanto, uma multidão crescente de apoiantes da oposição que aguardava os resultados ficou cada vez mais agitada. O elemento do Observatório teve a missão de manter a paz, servindo de mediador e de fonte de informação objectiva até que os problemas foram resolvidos.

As eleições municipais de 2003 marcaram uma nova etapa para a democracia em Moçambique. Hoje, os dois principais partidos políticos – adversários na guerra não faz muito tempo – partilham o poder de forma pacífica ao nível municipal pela primeira vez na história. E o Observatório está a planificar um projecto maior - uma contagem paralela dos votos para as próximas eleições presidenciais.